



## ARTE RELIGIOSA NA QUARTA COLÔNIA E SUA APRECIÇÃO COMO PEDAGOGIA PARA A COMPREENSÃO DE VALORES HUMANISTAS

*Mariana Brito Araujo*

*Linha 4 – Os valores do humanismo perene na educação contemporânea*

**Resumo:** No presente trabalho se buscará demonstrar a importância de se conhecer o meio cultural que habitamos, através da experiência artística vivida a partir de registros históricos que constituem a cultura peculiar a cada região. Desde o momento em que nasce, o homem se encontra no âmbito de uma cultura já posta, mas tem a oportunidade de instrumentalizá-la para o bem da realização de seu projeto neste mundo. Mesmo porque, como reflexo da passagem do homem na história, esta cultura pode ter efeitos pedagógicos e conter leis universais sobre o modo como se dá a vida, desde antes ela existir, dela prenhe o Ser, até o momento de seu retorno. É preciso se despir dos estereótipos e ignorar as pseudofacilidades da máquina, aprofundando-se na ausculta interior, para se abrir à experiência da transcendência por meio da arte; assim é possível dar um sentido superior à existência, consubstanciada no constante aprimoramento do projeto que veio à tona com a entrada no jogo da existência. Educar a criança, o jovem, os genitores e os professores através da experiência artística é eficiente e amplifica a capacidade de perceber, oportunizando-se o conhecimento metafísico natural (e não necessariamente religioso e institucional) ao ser humano.

**Palavras-chave:** Arte religiosa; Quarta Colônia; Pedagogia; Transcendência-ontopsicologia.

### 1. Introdução

A primeira vez que me ocorreu escrever sobre o tema, aconteceu quando do impacto causado pela leveza colorida existente na nave interna da Igreja Matriz em São João do Polêsine. Não era a primeira vez que observava este templo. Naquele momento, além do sol, o vento, o som indistinto de pássaros e as poucas pessoas nas ruas, contribuíram para facilitar a interiorização e a abertura para a recepção daquela harmonia de formas e cores, por meio da pintura decorativa, das pinturas simples e diretas de passagens da Bíblia, espalhadas nas paredes, imagens e esculturas, algumas realmente diferentes e bonitas, postadas em armações de madeira finamente trabalhadas. Apela sobretudo o conjunto, a riqueza na preocupação de cada detalhe. Gostaria de apresentar a quem não o conhece, a mesma oportunidade de apreciação, de forma didática e funcional e elevar a apreciação da arte como pedagogia para o natural caminho da ontopsicologia, que está na funcionalidade estética.<sup>1</sup>

Além do que, agrada valorizar a história e a tradição locais, quando estas podem constituir vias de acesso ao originário metafísico do homem; mas tal só é possível a partir do conhecimento

<sup>1</sup> “Participar do belo é prioritário a qualquer outra ação, porque nos torna capazes de centrar, em cada situação, a própria otimalidade.”(MENEGHETTI, 2003, pág. 373).

da teoria ontopsicológica que é fria inteligência na observação dos fenômenos e que permite apreciá-los sem se mimetizar com eles ou absolutizá-los.

## 2. Alguns exemplos

Sempre impressionou a qualidade e a dimensão dos edifícios religiosos em algumas cidades da região da Quarta Colônia. Citam-se algumas delas: naturalmente São João do Polêsine, já referida; Faxinal do Soturno, Nova Palma, Dona Francisca, Ivorá, Silveira Martins e Pinhal Grande. Em alguns municípios há mais de uma construção, relevante senão pelo seu porte, por suas características. Por exemplo, a comunidade de Novo Treviso, vinculada ao município de Faxinal de Soturno, guarda um grande templo dedicado a São Marcos; no caminho entre o Recanto Maestro e a cidade de São João do Polêsine (Estrada RS 149), há um templo dedicado a São Pedro, do início do século, de linhas leves e altaneiras (conhecido como Igreja de São Pedro do Ribeirão). Por dentro, está bem conservado, tendo sido mantida sua antiga decoração interna, que acompanha a leveza exterior. Em Silveira Martins, além da Igreja Matriz, existe uma igreja octogonal (tem forma octogonal de uma torre medieval), dedicada à Nossa Senhora de Pompéia, que cultua Maria menina e no mesmo município, no Vale Veronês, encontramos uma interessante capela dedicada à Nossa senhora do Monte Bérico.

Ainda pela questão construtiva vale a pena mencionar o portentoso templo localizado no distrito de Vale Vêneto, com sua impressionante amplidão e pé direito<sup>2</sup>. O próprio distrito preserva uma arquitetura colorida e bem conservada que vai do início do século XX aos anos 30 e 40. No entorno da impressionante igreja dedicada ao Corpo de Cristo (única consagrada a “Corpus Christi” na América Latina, como lembram com orgulho os habitantes locais), são homenageadas duas autoridades eclesásticas em bustos bem trabalhados; há uma fonte dedicada ao presbítero Vincenzo “Vicente” Pallotti, religioso italiano fundador da Ordem católica dos padres, irmãos e irmãs palotinos, que constitui parte integrante importante do modo da cultura e da tradição na região, especialmente no que se refere ao culto de Maria, como especial mediadora (“medianeira”) da palavra de Deus. Também é importante o culto a Nossa Senhora Três Vezes Admirável... desta vez proveniente da Alemanha, que se uniu à vertente palotina um determinado período de tempo e que propagou uma imagem que se repete em vários templos, além de fornecer ao famoso beato João Luiz Pozzobon<sup>3</sup> a imagem que este carregou sobre os ombros por tantos anos em suas peregrinações em locais e cidades da região.<sup>4</sup>

Porque “Quarta Colônia”? As demarcações das colônias italianas iniciaram-se em 1870, com a fundação de três núcleos coloniais: Dona Isabel (atual Bento Gonçalves), Conde D’Eu (atual

<sup>2</sup> Altura do chão ao teto.

<sup>3</sup> Viajando pela região da Quarta Colônia encontram-se muitas referências a este religioso, que a comunidade local deseja ver declarado santo, pedido que se encontra em processo na igreja em Roma, que já o declarou beato.

<sup>4</sup> Para além da Quarta Colônia ainda, merece atenção, em razão das características arquitetônicas e de decoração interna comuns, a Igreja de Nossa Senhora das Dores, na cidade de Santa Maria, RS.

Garibaldi) e Fundos de Nova Palmira (atual Caxias do Sul). A Quarta Colônia de Imigração Italiana, posteriormente denominada Colônia Silveira Martins, formou-se em 1875 (CRUZ, 2019).

Como se vê, são tantas as histórias para contar, quanto a estes templos, histórias que esclarecem e contextualizam o ambiente em que vivemos e os tornam mais interessantes. Se está diante de *conjuntos* (de arquitetura, pintura, decoração, escultura) que merecem ser apreciados, percebidos e analisados sob uma perspectiva funcional<sup>5</sup>, que em alguns momentos de feliz vitalidade, permite ao fruidor, através do registro ainda que sistêmico, ir além da materialidade da sua representação e alcançar uma presença de totalidade.

### 3. Estudo de meio

Para visualização concreta e aprofundamento do tema, será utilizado como exemplo o Templo de Nova Palma, dedicado à Santíssima Trindade, através da experiência representada por uma visita efetuada a este templo, com a turma de alunas do Curso de Pedagogia da Antônio Meneghetti Faculdade. Deixo aqui meus especiais agradecimentos à Professora Dra. Estela Maris Giordani, coordenadora do Curso de Pedagogia da Antonio Meneghetti Faculdade, que possibilitou o acontecimento deste evento.

Esta visita foi intencionalmente dirigida para a compreensão das possibilidades metafísicas imanentes da arte quando elaborada de forma simples e despretensiosa, com a intenção de comover e viver uma presença além daquela matéria, imediata, do corpo físico. Destarte, quando iniciamos a visita, a primeira preocupação foi preparar o grupo para entrar no templo com responsabilidade e atenção. Estando todos reunidos, foi solicitado que exercitassem primeiro a observação, apreciando a arquitetura da igreja matriz dedicada à Santíssima Trindade, cujo projeto foi assinado por Vitorio Zani (1926), um raro caso de nomeação de autoria do projeto arquitetônico na região. Vitorio Zani imprimiu à sua obra um estilo renascentista, caracterizado pela elegância, simplicidade das formas retilíneas e no uso de motivos decorativos inspirados na arquitetura romana, como os falsos pilares e os frontões<sup>6</sup>. Um estilo silencioso, calmo e sobretudo ordenado (fig.01).

<sup>5</sup> Para Antonio Meneghetti, muito resumidamente, são quatro os níveis ou modos da arte: 1) primitiva-instintiva, que busca repetir o objeto e ambiente. Espontânea e lúdica, é a arte das crianças e do homem primitivo; 2) primitiva-sistêmica - não há evolução técnica como no primeiro caso, combinada com uma submissão a uma norma ou mandamento moral social, que corta a espontaneidade do indivíduo; 3) terapêutica - a atividade artística é instrumento para a recuperação de um equilíbrio precário, rompido por uma insatisfação ou frustração interior, liberando dor e morte que reforçam dor e morte no fruidor; 4) funcional - figurativo gestual e matéria que dá resposta à somática antropológica: serve ao homem histórico e 5) arte pura – As imagens e as adorações do sistema são usadas para comunicarem emoções universais, a não repetitividade e o absoluto do artista (MENEGHETTI, 2003)

<sup>6</sup> Estruturas triangulares que encimam as falsas colunas, que repetem os frontões utilizados na arquitetura greco-romana.



Fig.01 – Igreja dedicada à Santíssima Trindade em Nova Palma, RS

Estabelecida a atenção, que já passou a se concentrar no objeto da visita, agora se fazia necessário entrar “no espírito do templo”, ou seja, aproveitar o momento para uma compreensão do real além do imediatismo dos sentidos. Para tanto, foram utilizadas algumas anotações baseadas na segunda parte da obra de Antonio Meneghetti “Filosofia Ontopsicológica” - “O Evangelho de Cristo como Ontopsicologia do Homem”<sup>7</sup>. Neste texto esclarece Antônio Meneghetti que seu objetivo é servir-se da doutrina evangélica como modelo para exprimir o significado da hipótese ontopsicológica. Ressalta de forma bastante explícita, que não tem por objetivo a crítica polêmica em relação a qualquer escrito, fé ou comportamento ligado ao evangelho.

“Desejo somente ser considerado como um homem de boa vontade que aventura a própria existência psicológica no cognoscível evangélico para apresentar aos outros homens de boa vontade o *Além não legalizado* do Evangelho”. (MENEGHETTI, A. 2003a, p. 86)

E continua:

“Para apropriar-se do significado do presente trabalho, é preciso pôr-se em simplicidade de coração, sem prevenções defensivas pela tradição e sem pré-logismos críticos (...) Substancialmente, trata-se significado originário do ser humano no contexto Universal e, em particular, colher a inspiração profunda do Evangelho, que está além de qualquer exegese até o presente convencionalizada.” (*ibid*, p. 87)

Daqui se partiu para a ideia da Santíssima Trindade, objeto da consagração do templo que iríamos visitar. Deus Pai, Espírito Santo e Cristo. Deus Pai, o Ser, o todo, que é e está em tudo que é. Pedi às alunas que olhassem o entorno e se sentissem presentes e em comunicação com tudo o que viam e percebiam, o céu, as árvores, as pessoas, a rua, o chão da calçada. Depois passamos para o espírito: o espírito, o fogo, a alma, o Em si que se encarna em Jesus, que se

<sup>7</sup> Conforme referencias bibliográfica abaixo.

materializa em existência histórica, simultaneamente homem filho de Deus e do Homem. Feita esta passagem, que a todas deixou em silêncio respeitoso, adentramos o templo. Combinamos o mesmo exercício de observação executado em relação a fachada externa, para o ambiente interno. Antes de passarmos ao contexto histórico e à compreensão da iconografia católica, as alunas, por alguns minutos, andaram pela construção observando e apreciando.

A igreja matriz de Nova Palma internamente realmente impressiona. Tendo passado por uma reforma recente, está em ótimo estado de conservação. Embora não tenha dimensões tão grandes como de outras igrejas, a decoração que preenche seus arcos, colunas e cúpulas, é abundante - sem ser exagerada – colorida, leve e alegre (características comuns dos templos na região). Cada espaço e vão livre é preenchido por uma pintura, um detalhe decorativo. Sobre o arco que precede a parte mais sagrada da igreja, onde ficam os ministros religiosos, o altar e onde são realizados os sacramentos (o presbitério), também chamado Arco do Triunfo, há uma escultura em gesso de dois anjos em triunfo, que protegem o local sagrado, em união com Deus, representado de forma muito semelhante ao arquiteto do universo maçom (um triângulo equilátero e o olho dentro dessa forma – Fig. 02)<sup>8</sup>.

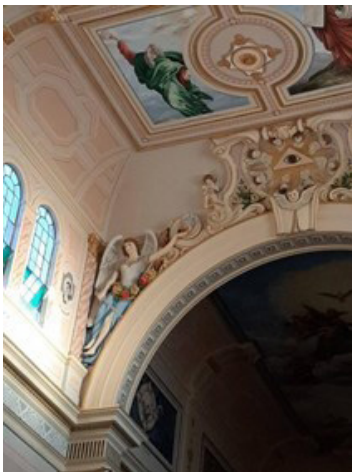


Fig. 2 – vista parcial do Arco do Triunfo

Várias colunas separaram a nave central das duas naves laterais. Partindo da nave central, se vê acima das colunas representações de doutores e Santos da igreja; de um lado somente mulheres, do outro somente homens. Sob cada pintura, a assinatura da família que à época pagou pela execução da imagem. Ainda na nave principal, se observa no teto pintado a representação de algumas passagens e histórias da Bíblia. Nas naves laterais, no teto, de um lado, histórias de Maria, do outro, de Jesus.

Os altares laterais que finalizam as naves laterais, conjuntamente com o altar principal, são de madeira finamente trabalhada e contém imagens interessantes, algumas até intrigantes. No presbitério, a cena é mais impactante ainda: uma pintura em perspectiva preenche a abside<sup>9</sup> sobre o altar principal (fig. 3), que é ladeado por dois anjos pintados portando turíbulos<sup>10</sup> e, detalhe dos detalhes, a ponta da torre principal deste altar “ toca” a pintura de um sacrário.

Após o “reconhecimento do terreno”, passamos então à análise e compreensão daquilo que estávamos observando. Aqui será reproduzida apenas parte da atividade, o suficiente para que se possa ter uma ideia do seu desenvolvimento, visto que esta tomou cerca de uma hora e meia.

<sup>8</sup> Não há registro claro do porquê desta referência. N.A.

<sup>9</sup> Nicho ou recinto semicircular ou poligonal, de teto abobadado, ger. situado nos fundos ou na extremidade de uma construção ou de parte dela.

<sup>10</sup> Vasos portáteis semiabertos que, seguros por uma corrente, servem como incensórios nas missas e procissões.

Com esta finalidade, foram selecionadas pinturas que se localizam na abside sobre o presbitério e na nave lateral direita, ocupada esta última por imagens baseadas parte em documentos apócrifos e parte na bíblia, relacionadas à vida de Maria. Esta seleção se funda em dois motivos de ordem diversa. A apresentação da obra pintada na cúpula resulta do interesse em apresentar o surpreendente efeito tridimensional que não existe em outras igrejas da Quarta Colônia. Igualmente a forma de tratamento do conteúdo é inusitada, fazendo referência à mitologia grega, como se verá. A iconografia católica que cobre as igrejas da região é relativamente conservadora, obedecendo a regras mais ou menos uniformes. Quanto às cenas da vida de Maria, o motivo está na relevância do culto Mariano para a comunidade local. Assim, a compreensão das imagens em Nova Palma contribui para a compreensão de imagens equivalentes em outros templos religiosos.

Antes de adentrarmos no conteúdo das imagens, tratamos do responsável pelas pinturas que foram executadas na igreja. Ângelo Lazzarini, pintor muralista, tomou ao seu cargo diversas encomendas na região (Faxinal do Soturno, Novo Treviso, Dona Francisca, Ivorá, São João do Polêsine e Nossa Senhora das Dores em Santa Maria). Para conhecer melhor este artista, é indispensável a leitura do excelente trabalho de Altamir Moreira, “A Pintura Mural Religiosa, de Ângelo Lazzarini, nas igrejas da Quarta Colônia” elaborado com o objetivo de obter o grau de Mestre em Teoria da História e Crítica da Arte pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O autor demonstrou preocupação em publicar e dar acesso ao trabalho: é possível obter um exemplar, que se encontra disponível na internet no endereço <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/131474>. A um clique e sem custos, uma riqueza de detalhes e informações (são 360 páginas) está disponível para consulta.

Altamir Moreira busca retratar não só o pintor, mas também o tempo em que ele viveu, tentando esclarecer o aparente anacronismo da obra frente à época da sua realização, quando já decorridos quase 30 anos da Semana de Arte Moderna. Lazzarini não estava “na moda” - atendia a seus clientes, o clero contratante, que se incomodava com as inovações artísticas e via na descrição do evento uma importante função, além da estética. Os rígidos cânones a serem seguidos não impediu que se vislumbrasse a individualidade do artista, que é imediatamente reconhecível a um primeiro olhar.

A pintura mural religiosa foi uma das últimas a sofrer o influxo das mudanças e este é um fenômeno que aconteceu não só no Brasil, mas também na Europa, como na França e em outros lugares (MOREIRA, 2001). Enfrentando a questão da qualidade do trabalho deste pintor, o estudioso não deixa de considerar o aspecto *kitsch* da obra, classificando-a de Neobarroca, em que as cores vivas e a emoção constituem o elemento central por meio do qual se expressa o conteúdo relatado nas pinturas. Quanto à simplicidade dos traços, não lhes confere fundamento na ausência de técnica, mas na preocupação em não tumultuar e passar uma mensagem limpa e clara, embora aponte dificuldades técnicas diversas ainda a serem superadas. O *kitsch* para Altamir Moreira estaria principalmente na utilização da cópia de outros trabalhos para execução das pinturas. Em relação a muitas delas foi possível localizar os registros que deram origem às

figuras, que vão desde obras renascentistas até gravuras alemãs do século XVIII. Entendemos, porém e sem indulgência, que o julgamento foi um pouco duro. Neste item, acompanhamos Evandro Carlos Jardim, artista, filósofo e professor, que faz as seguintes considerações sobre o ato de copiar:

Você não copia, por que a cópia seria a reprodução exata. Você representa tentando não omitir a identidade do objeto que está sendo representado, mas a identidade do objeto não é só aparência. Se um pintor expressionista viu uma árvore verde e a pintou de vermelho, o que aconteceu? Ele fez dois caminhos. O primeiro é impressionista: Por sensação ele percebeu a árvore na aparência que ela tem e projetou naquela aparência uma vontade dele - “ela é verde mas eu quero vermelho”. É a diferença entre Impressionismo e expressionismo. Isso tem nome na história dos movimentos da pintura moderna, mas acontece desde a Idade da Pedra. Um bisão na parede é ao mesmo tempo impressionista e expressionista, no seu tempo. Se não fizermos a conexão com o ser humano, não iremos entender nunca o que é. E isso nos dá, de um lado, liberdade de expressão e de outro, um compromisso com a nossa prática, pois, se mentimos tudo desaparece. O que é não mentir? É respeitar a identidade do objeto. (JARDIM, 2019, pp. 45-46)

Evandro Carlos Jardim sempre insistiu que o artista quando parte da cópia do trabalho de outro artista, está na verdade dialogando com este último, produzindo uma obra que definitivamente não é aquela copiada.

A imagem que segue, se encontra na abside, sobre o altar principal (fig. 3).

Deus anuncia e parece fazer surgir o Espírito Santo que ilumina Jesus, ambos, pai e filho, carregados pelas nuvens e cercados de anjos. Abaixo, um anjo parece subjugar alguém, que se inclina em penitência. À primeira vista, se poderia pensar na alegoria do anjo caído, mas há dois elementos que divergem desta representação: a foice na mão esquerda e as barbas brancas. Também o livro, que o anjo impõe ao outro com violência física, o que seria este livro?



Fig. 3 – Pintura sobre o altar principal. Notar o pináculo da torre do altar, que “toca” um sacrário pintado.

Contrariando a tendência comum em seus trabalhos, de uma certa contenção, as imagens entram em turbilhão - em movimento sinuoso ascendente, que culmina no Espírito Santo. A foice é um símbolo típico do deus grego Cronos que representa o tempo. Subjugado o tempo, resta a revelação da Santíssima Trindade de que a Bíblia é o instrumento mais eficaz. Uma outra interpretação possível e que de certa forma se coaduna com a agitação da pintura seria a chegada do Apocalipse, igualmente final dos tempos, em que Pai, Filho e Espírito Santo reinariam soberanos. Em qualquer das hipóteses, ultrapassada a questão do tempo, resta a eternidade presente consubstanciada na revelação da Santíssima Trindade.

As duas figuras (fig. 4 e fig. 5) a seguir estão na nave direita da igreja. Fazem parte de uma série de outras figuras que representam passagens da vida de Maria.



Fig. 4 – Maria é apresentada



Fig. 5 - Anunciação ao templo

A primeira delas, que narra a apresentação da virgem ao templo, é uma das mais interessantes. A imagem é extraída de textos apócrifos, ou seja, são textos que não fazem parte oficialmente da Bíblia, mas que foram popularizados e integram o imaginário dos fiéis, sendo aceitos pela instituição religiosa. De acordo com a tradição, os pais de Maria, Joaquim e Ana, era estereis. Joaquim, humilhado, vai para o deserto e lá recebe a visita do Senhor através de um anjo, que informa a graça recebida: Ana conceberá. Em agradecimento, o casal resolve destinar o filho aos serviços do templo. Eis que chegou Maria e bem, com um ano ela ainda era muito pequena, melhor esperar em casa. Com dois anos, meu Deus, como ela poderia ajudar? Aos três, não sendo mais possível recusar a promessa, os pais preocupados levam a criança, com o receio de que esta sofresse e chorasse com a separação. A imagem mostra uma pequena Maria muito alegre que corre para o sacerdote sem olhar para trás. Esta imagem mereceu uma análise das professoras que acompanhavam o grupo, sobre a dificuldade dos pais em compreender que os filhos têm um projeto destacado, o qual deve ser desenvolvido de forma autônoma, se estimulando neles a coragem na busca do seu próprio caminho. Também se difunde a força e segurança de Maria nas suas decisões. Como dizia Edith Stein (1999, p. 118),

“O conhecer e o querer são *atos livres* e, também, a entrega aos movimentos, inicialmente espontâneos, do ânimo ou sua recusa, estão ligadas à liberdade. Dessa maneira, o ser humano, consciente de sua liberdade, não fica entregue às forças formadoras externas como se fosse uma matéria passiva, pois ele é capaz de



abandonar-se a elas (como Maria – N.A.) ou recusá-las. Ele pode procurar as chances de formação ou pode evitá-las. De modo que a iniciativa livre, própria, também faz parte dos fatores que participam da formação da alma.”

A segunda imagem, é uma imagem clássica e essencial: Trata-se da Anunciação, ou seja, o momento em que o Anjo Gabriel informa a Maria a concepção de Jesus, por obra e graça do Senhor.

A arte religiosa expressa a força da religião católica na região, em que a figura de uma mulher, Maria, constitui um elemento fundamental. Sim, afinal uma mulher, como se vê na pequena capela (ou seria um oratório?) localizada no Recanto Maestro<sup>11</sup>. Essa imagem de Madona que segura o filho em seus braços pode ser agradável. Simplesmente ser agradável, porém, não diz tudo, é pouco, é preciso tocar o inefável, aquilo a que se chama *alma* e que Antonio Meneghetti delimitou, através de 15 características, como Em si ôntico – centralidade do ser<sup>12</sup>. Abaixo da imagem se lê a inscrição *figlia fel del tuo figlio* (“filha de seu filho”), que nos lembra o **sim** de Maria ao projeto divino que lhe era conferido por Deus e que ela, a partir de sua decisão, recebeu e alimentou, o que fez dela uma pessoa especial e única.

A pintura é dividida ao meio por dois arcos. Do lado esquerdo está o mundo celestial, ocupado pelo anjo, que não toca o chão, mas flutua em uma nuvem. O Anjo segura um ramo de lírios, símbolo da virgindade, desde a idade média (a flor de lírio foi escolhida em função da sua morfologia assexuada - ela não tem estames). No caso, são três flores, a representar a tripla virgindade de Maria (na concepção, antes do parto e depois do parto). Do lado direito, no lado terreno, ajoelhada sobre o chão, está Maria, que segura um livro. A cortina atrás dela constituiria o último trabalho que ela teria executado para o templo. Na ponta do triângulo isósceles, na base formada pelo anjo e pela virgem está a o espírito santo (pomba), que transita entre o céu e a terra e comunica, por meio de sua luz, a semente do Senhor. Para os católicos, o momento da concepção seria como um raio de luz, que atravessa o vaso translúcido e o deixa intacto.

Segundo Antônio Meneghetti o conceito de virgem em que se é mãe permanecendo sempre virgem não é exclusivo da igreja católica, é plurissecular e se encontra na Isis egípcia e nas deusas do mundo greco-romano (Atena, Ártemis e Héstia) e ainda em outras culturas. Mulheres fortes, virgens completas em si mesmas, que, mesmo sendo belíssimas não aceitam a exposição sexual, nem qualquer relação com homem enquanto macho ou com a mulher enquanto fêmea (MENEGETTI, 2013).

<sup>11</sup> É uma pintura em azulejo de porcelana, inspirada na *Madonna della Segiola* de Rafael Sanzio e se encontra no lado direito da estrada que sai da Antonio Meneghetti Faculdade e segue para o Distrito de Vale Vêneto. A capelinha-oratório fica ao pé da elevação em que está o Hotel Capo Zorial.

<sup>12</sup> O ponto primeiro do qual principia o determinante de uma individuação, o princípio que faz ser ou não ser, existir ou não existir. O homem produz autorrealização quando a sua ação é conforme, ou iso, ao próprio Em si ôntico. O adjetivo “ôntico” lhe define o caráter de pertencer ao ser, também em sentido transcendente. *Dicionário de Ontopsicologia*.

#### 4. A experiência artística como pedagogia para o homem – Os limites da máquina

A pedagogia é a arte de desenvolver uma criança à realização de seu projeto elementar de natureza e assim alcançar como resultado um indivíduo sadio e capaz de realizar a própria existência de modo criativo<sup>13</sup>. Esta a principal descoberta da ontopsicologia: o reconhecimento de um projeto base de natureza, que constitui o ser humano e que garante sua exatidão no agir histórico.

Inicialmente, cabe aqui uma ponderação. Não procede a comparação qualitativa entre transcendência e fato histórico. É uma dualidade que se pode considerar apenas em termos analíticos para estudar as várias características deste projeto (que é virtual transcendente e histórico). Ao tratar da arte na cultura histórica, Antonio Meneghetti esclarece que:

“Qualquer saber, se não é de qualquer modo homologado à circunstância histórica onde cada um de nós vive, torna-se esquizofrênico. Se não se tem o *feeling*, a adaptação à situação sociocultural do nosso tempo e do nosso lugar, mesmo o saber mais elevado, mais equilibrado em si e por si, seria considerado alienação mental, enquanto estaria fora dos códigos correntes. O homem é um ente histórico. A sua história é o aqui e agora de cada um de nós. A cultura corrente não é verdade, porém é o habitat de cada ser humano.” (MENEGETTI, 2003, pág.347).

O transcendente<sup>14</sup>, por sua vez, foi separado do homem concreto e terreno e tornando exclusivo da religião. Pode-se dizer que esta cisão teve início a partir do século XVIII, tendo se aprofundado desde então. A ontopsicologia vem unir o apriorístico à existência ao concreto matérico do homem, de forma laica. A salvação eterna tem lugar no viver o presente eternamente, segundo as diretivas deste projeto, que se especificam a cada situação dada. Trata-se da recuperação do natural humano, pois a metafísica (*além da física* - de novo, entendida sob o ponto de vista laico, não religioso) é instintiva ao ser humano, é o que lhe dá direção e finalidade superiores. Dentro desta linha, a utilização da máquina, do computador e do celular, deixa de ser útil e instrumental, sempre que desviar e distrair a pessoa desta realidade que lhe é natural.

Ora, constitui tema do IV Congresso Internacional Uma Nova Pedagogia para a Sociedade Futura, as “Gerações, Relações e a Educação de Hoje”. As mudanças no intervalo breve de duas gerações, ocorridas no universo do conhecimento da história e da cultura são evidentes, saltam aos olhos. A imagem robótica programada se tornou a regra, a emoção e o sentimento não tem mais a importância central nas histórias e enredos, sendo formatados nas telenovelas, transmitidas através de tubos que reproduzem sinais idênticos a milhões de pessoas. Lê-se menos, fala-se menos. A linguagem rápida, redutiva e simplificada da máquina veio para ficar. Neste ambiente, é um desafio estimular a criatividade não só da criança, do jovem, mas também de seu mentor e guia, seja ele genitor, professor ou responsável. Não se trata de abolir a máquina, mesmo porque isso é impossível hoje, mas de usá-la de modo consciente e não automático. O

<sup>13</sup> Dicionário de ontopsicologia, *op.cit.*

<sup>14</sup> “Subir além. Ater-se à realidades ou causas além do horizonte dos concretos experimentáveis.” Dicionário de Ontopsicologia – *op.cit*

automatismo, não por acaso, é uma característica típica do comportamento inconsciente não controlado. Por isso, a atenção consciente no uso da máquina não é uma questão moral, de certo ou errado: É uma questão de ser ou não ser. Quando se vive, se é um pouco amébico, genioso, quente, surpreendente. É da vida. Já a máquina é regular, fria e repetitiva.

## 5. Conclusão

A recuperação do contexto histórico, do conhecimento traduzido da cultura religiosa, da compreensão das histórias que preenchem as paredes dos templos e mesmo da arquitetura em si, se dirigida de forma respeitosa e não impositiva, precedida de cuidado na averiguação prévia do objeto artístico, podem implicar para o aluno:

- No fornecimento de mais referências para serem instrumentalizadas tecnicamente na formulação de conceitos;
- Na possibilidade de reconhecer em si e nos outros estruturas mentais e modelos que fazem parte da sociedade, redundando em uma postura mais humilde e tolerante;
- Na ponderação dos ensinamentos que ultrapassam os sentidos;
- Na recuperação de conceitos e na compreensão de eventos que superam a própria história material e este é um dos mais belos efeitos em termos pedagógicos: emprestar grandiosidade ao nosso pequeno projeto neste mundo. Assim testemunha Antonio Meneghetti (2014, p. 137), em primeira pessoa:

“O meu passado cristão me consentiu tornar-me humanista no sentido clássico, histórico, dando-me a responsabilidade racional sobre o que é o homem, como fazê-lo, como sê-lo, porque o homem é sempre maior do que suas crenças”.

Não é, porém, qualquer objeto denominado como a arte, que tem a capacidade de realizar este feito. É preciso que ela seja vital, para que possa conversar com e fazer agir a vitalidade no seu fruidor. A visita ao templo de Nova Palma redundou, ao final, na “animação” (as haspas servem para destacar que “animação” aqui é o mesmo que animar o que está quase a desfalecer) mesmo da aluna mais resistente; o resultado era visível na curiosidade manifestada durante a visita por todos os presentes e na cinésica proxêmica<sup>15</sup> das alunas após o evento.

Vale trazer aqui uma reflexão de José Arthur Giannotti ao comentar a ideia de que a pintura “faz ver”.

Se a pintura, pois, faz ver, é porque constrói imagens, sendo antes de tudo, arte, *téchné*, maneira de imprimir forma a uma matéria, como diziam os gregos, mas também, principalmente depois do Renascimento, trabalho próprio a certo tipo de gente, arte liberal, isto é, atividade reservada sobretudo a homens livres. Além do mais, é guia, condutora do Olhar, técnica adquirida no aprendizado de ver além da superfície plana de uma coisa algo mais que se mostra nela, embora quase sempre parece existir independentemente dela. É, pois, arte de representar, num sentido muito amplo do termo, vale dizer, de tornar presente algo de ausente, evento do mundo que se integra no mundo sem estar ali. (GIANOTTI, 2005, pp. 21-22)

<sup>15</sup> Linguagem do corpo.

Uma aluna, muito sensível, notou na volta da visita itens da paisagem que não havia percebido anteriormente, quando da ida. Percebeu encantada a existência de uma casa de que não havia se dado conta e de um arranjo de pinheiros em um bosque que não havia notado. De fato, a vivência da arte “ abre os olhos”, sendo benfazeja a qualquer processo de aprendizagem e para os mais sensíveis pode abrir novas possibilidades e novos universos, onde antes não havia nada.

## **6. Referências bibliográficas**

CRUZ, Jorge Vinicius Quevedo. Congregações religiosas, religiosidade e educação em Vale Vêneto – RS (1886-1945) - dissertação de Mestrado na Universidade Federal de Santa Maria - <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/16961> - consulta em 05/10/2019

GIANNOTTI, José Arthur. O Jogo do Belo e do Feio. 1.ed. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 2005.

JARDIM, Evandro Carlos. Arte, Trabalho e Ideal. 1.ed., São Paulo/SP: Edições SESC, 2019.

MENEGHETTI, Antonio. OntoArte. O Em Si da Arte. 1.ed. Florianópolis: Ontopsicológica Editrice, 2003.

MENEGHETTI, Antonio. Filosofia Ontopsicológica. 5.ed. Florianópolis: Ontopsicológica Editrice, 2003A.

MENEGHETTI, Antonio. Dicionário de Ontopsicologia. 2.ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, Antonio. Seis Mulheres e a Imaculada Conceição. 1.ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

MENEGHETTI, Antonio. Do Humanismo Histórico ao Humanismo Perene. 2.ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MOREIRA, Altamir. A Pintura Mural Religiosa de Ângelo Lazzarini, nas Igrejas da Quarta Colônia. Dissertação de Mestrado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001 - <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/131474> - consulta em 17/02/2021.

STEIN, Edith. A Mulher. Sua Missão Segundo a Natureza e a Graça. 1.ed. Bauru/SP: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999.